

JAN WALLENTIN

**A ESTRELA
DE STRINDBERG**



Tradução
CLAUDIO CARINA

B D | B J | G I | B I

Copyright © 2010 by Jan Wallentin

Primeira publicação Albert Bonniers Förlag, Stockholm, Sweden
Publicado em língua portuguesa por acordo com Bonnier Group
Agency, Stockholm

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Strindbergs Stjärna

CAPA E ILUSTRAÇÕES DE CAPA Luiz Iria

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wallentin, Jan

A estrela de Strindberg / Jan Wallentin ; tradução
Claudio Carina. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: Strinbergs Stjärna.

ISBN 978-85-65530-52-1

1. Ficção policial e de mistério 2. Ficção sueca

I. Título.

14-00453

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

O convite

Seu rosto havia envelhecido. Mesmo com a arte da maquiadora, nada podia esconder isso. Então ela se esforçou: quinze minutos com aplicadores, escovas e pó mineral cor de pêssego. Agora, ao recolocar os óculos de aviador, havia um brilho doentio em suas bochechas acinzentadas. Ela deu um leve tapa no ombro dele:

“Pronto, Don. Daqui a pouco eles vêm te buscar.”

Sorriu pelo espelho e tentou parecer satisfeita. Don sabia o que ela estava pensando. *A farshlepte krank*, uma doença impossível de reverter — assim como o envelhecimento.

Apoiou a mochila no pé da cadeira giratória. Quando a maquiadora saiu, Don se curvou e começou a vasculhar o conteúdo da mochila, as garrafas, seringas e cartelas de remédios. Tirou dois comprimidos redondos, vinte miligramas de diazepam. Endireitou a postura, colocou os comprimidos na língua e os engoliu.

Na luz fluorescente do espelho, o ponteiro do relógio de parede se movia lentamente. Seis e trinta e quatro, e o noticiário da manhã murmurava do circuito fechado de TV. Onze minutos até os primeiros convidados entrarem no estúdio.

Ouviu uma batida, uma sombra apareceu na porta. “É aqui que se vem para a maquiagem?”

Don concordou com a cabeça para a figura alta.

“Vou estar no canal quatro mais tarde”, disse o homem, “então as garotas podem passar maquiagem suficiente pra durar até lá.”

Deu alguns passos no chão de linóleo com brilho amarelo e se sentou ao lado de Don.

“Vamos entrar no ar ao mesmo tempo, né?”

“É, parece que sim”, concordou Don.

A cadeira giratória rangeu quando o homem se inclinou em sua direção.

“Eu li sobre você nos jornais. Você é o especialista, né?”

“Não é exatamente minha área de especialização”, disse Don. “Mas... vou fazer o melhor que posso.”

Levantou-se e tirou a jaqueta do encosto da cadeira.

“Os jornais diziam que você conhece esse tipo de coisa”, disse o homem.

“Bem, então deve ser verdade, certo?”

Don vestiu a jaqueta de veludo e pegou a mochila, mas o homem a agarrou pela alça:

“Não precisa agir como se você fosse tão importante, porra. Fui eu que encontrei tudo lá embaixo, não foi? A propósito, tem uma coisa...”

O homem hesitou.

“Acho que você poderia me ajudar numa coisa.”

“É?”

“Existe...”

Lançou um rápido olhar à porta, mas não havia ninguém lá.

“Existe algo mais que encontrei lá embaixo. Um segredo, pode-se dizer.”

“Um segredo?”

O homem puxou Don para mais perto pela alça da mochila:

“Está na minha casa em Falun, e, se for possível, gostaria muito que você fosse até lá e...”

Sua voz baixou de volume. Don percebeu que o olhar do homem se dirigiu à porta, onde a apresentadora, vestindo um blazer marrom-claro e uma saia discreta, o aguardava.

“Então... Vejo que tiveram uma chance de se conhecer?”

Um sorriso tenso.

“Talvez possam conversar mais depois?”

Ela indicou o corredor, onde brilhava uma luz vermelha: “no ar”.

“Por aqui, Don Titelman.”

PARTE I

1. Niflheim

A cada passo, as botas de borracha de Erik Hall afundavam mais na lama, e suas pernas já estavam cansadas. A partir daquela posição, devia faltar pouco.

Quando, através da neblina, conseguiu discernir a clareira além dos últimos troncos, parou e se sentiu inseguro por um momento. Depois viu as ruínas da velha cerca. Os tocos com a madeira apodrecida se erguiam como dedos de alerta em frente ao declive que levava à entrada da mina. Escorregou pelo declive até a saliência na frente da entrada, pegou as três malas de mergulho e alongou as costas.

Fazia frio ali, assim como na véspera, quando conseguiu encontrar pela primeira vez o caminho até a mina abandonada. A sacola pesada, cheia de tanques com extensões infláveis flutuantes, ainda estava onde tinha deixado, e o mesmo cheiro terrível de podridão continuava no ar.

A neblina reduzia a claridade, e era difícil discernir quaisquer detalhes ao se inclinar sobre a entrada íngreme da escavação. E quando seus olhos se ajustaram pôde perceber os apoios, que começavam a uma profundidade de uns trinta metros. Acompanhavam as paredes da entrada, e uma imagem de dentes afastados e enegrecidos surgiu em sua mente. Como se estivesse olhando dentro da boca de uma pessoa idosa.

Erik deu alguns passos para trás e inalou com cuidado. O cheiro parecia diminuir conforme se afastava do buraco. Fez uma pausa para se congratular. Tinha conseguido encontrar o caminho na escuridão e localizar a rota certa outra vez; pouca gente seria capaz de algo assim.

Qualquer um podia usar um navegador GPS para ir de Falun até algum endereço em Sundborn ou Sångmyra. No entanto, encontrar o lugar certo depois de quase cinco quilômetros de caminhada num lugar agreste — isso era diferente.

Todas as entradas de minas abandonadas costumavam ser assinaladas nos mapas. Os supervisores da Inspeção de Minas se deram ao trabalho de garantir isso. Aquele buraco parecia ter sido negligenciado.

Erik escutou um leve zumbido, quando algumas moscas começaram a se aproximar. Voavam curiosas para dentro de sua sacola, procurando comida.

A primeira sacola continha apenas pedaços de corda, ganchos e presilhas. A faca de titânio de dois gumes com um lado côncavo e outro serrilhado. Uma furadeira giratória movida a bateria, as correias para escalada e a lanterna de mergulho que iria prender à luva de mergulho da mão direita.

Após depositar tudo na grama amarelada, Erik abriu o bolso lateral da sacola. Lá estavam instrumentos de precisão finlandeses, em caixas sólidas. Desempacotou um medidor de profundidade, que iria determinar a profundidade do seu mergulho abaixo da superfície da mina inundada; e um clinômetro, para calcular os gradientes das trilhas da mina quando chegasse lá. O número de moscas aumentou, e elas pairavam ao seu redor como uma nuvem de sujeira.

Erik espantou os insetos para longe da boca, irritado, enquanto retirava da outra sacola os reguladores e mangueiras compridas que iriam mantê-lo vivo e verificou a pressão das garrafas. Recuou alguns passos, mas a nuvem de moscas o seguiu.

Apoiado no cascalho, tirou as botas verdes emborrachadas, a calça de camuflagem e o casaco. Com insetos se arrastando pelo rosto e o pescoço, ele abriu a última sacola. Embaixo de computadores de mergulho e uma lanterna de capacete, encontrou o traje colante e a volumosa roupa de mergulho emborrachada. O tecido polido e laminado de três camadas era especialmente desenvolvido para mergulho em águas a quatro graus centígrados.

Vestiu o capuz de neoprene. Agora as moscas só conseguiam chegar aos seus olhos e à parte superior das bochechas. Pegou a sacola com as nadadeiras e a máscara de mergulho. Na abertura da mina, o vapor rançoso de ovo podre quase o fez mudar de ideia, mas ele pegou a corda de náilon e começou a baixá-la.

Quarenta, cinquenta metros — conseguiu acompanhar sua descida trêmula até essa distância —, mas a corda continuava descendo. Só depois de alguns minutos alcançou a água que preenchia a parte mais baixa da mina.

Prendeu a corda com algumas voltas em torno de uma rocha grande e foi pegar o resto do equipamento de escalada e as presilhas. Voltou para a entrada e se ajoelhou.

O rugido estridente da furadeira finalmente quebrou o silêncio, e Erik logo atarraxou a primeira presilha. Experimentou com um puxão — ela resistiu. Fez o buraco para a segunda presilha.

A seguir colocou nas costas a sacola de cinquenta quilos com os tanques de

oxigênio, o compensador de flutuação e as mangueiras, e ajustou a alça do equipamento de escalada que cruzava seu peito. Fez alguns testes com o mecanismo de freio do rapel, que iria controlar a velocidade de sua descida até a mina, e se lançou pela beirada com a trava dos freios sibilando durante a descida.

Havia diversas imagens desfocadas na internet de exploradores urbanos em Los Angeles que, sem usar mapas, percorriam quilômetros e quilômetros de trilhas através de claustrofóbicos túneis de esgoto. Era possível encontrar textos de italianos que se dedicaram a rastejar sobre ratos e lixo em catacumbas antigas, e de russos descrevendo expedições em ruínas de prisões esquecidas da era soviética, centenas de metros abaixo do solo. Da parte dos suecos, constavam trechos de vídeos mostrando minas dilapidadas nas quais mergulhadores nadavam em águas escuras como breu. Eles rastejavam através de túneis que pareciam intermináveis.

Alguns se chamavam de Baggbö Divers e andavam pelos arredores de Borlänge. Também havia os Gruf, de Gävle, os Wärmeland Underground em Karlstad, e diversos grupos em Bergslagen e em Umeå. Além desses, havia gente como Erik Hall, pessoas que mergulhavam sozinhas e só queriam saber da própria companhia. Não era recomendado, mas alguns ainda faziam isso.

Como compartilhavam dicas sobre equipamento e lugares que valiam a pena, todos os mergulhadores de minas no país conheciam uns aos outros. Ano após ano, eram as mesmas pessoas que faziam isso. Todos eram homens.

No entanto, havia mais ou menos um mês um grupo de garotas começou a postar na internet fotos de seus mergulhos em minas. Elas se chamavam de Dyke Divers. Ninguém sabia de onde vinham, ou quem realmente eram, e elas não respondiam a nenhuma pergunta. Ao menos não às perguntas que Erik havia mandado.

De início, quando estava navegando pelo site das garotas, Erik só encontrou algumas fotos solitárias e granuladas. Depois começaram a aparecer trechos de vídeo de mergulho avançado, e ontem surgira a foto de uma mina em Dalarna.

A foto mostrava duas mulheres em trajes de mergulho dentro do apertado túnel de uma mina: rostos pálidos, bocas vermelho-sangue, ambas com cabelos escuros e brilhantes que passavam dos ombros. Atrás delas, a inscrição “2 de setembro, 166 metros” pintada com spray.

Embaixo da foto as garotas listaram algumas coordenadas de GPS que marcavam o lugar próximo à Grande Montanha de Cobre em Falun. O local ficava a apenas quinze ou vinte quilômetros da casa de campo de Erik Hall:

Mina inundada do século XVII, encontramos neste mapa / kopperberget1786.jpg / abençoado seja o arquivo de documentos do condado de Falun. Depois da sucata de ferro na água existem túneis para quem se atrever a atravessar. Onde os fracos não têm vez ;)

Os freios automáticos do equipamento de rapel o baixaram gentilmente pela profundidade. A nuvem de moscas ainda pairava pela abertura, mas Erik se pendurava sozinho ali embaixo, no escuro. Agora só respirando pela boca, para evitar o cheiro de enxofre.

Quando conseguiu olhar em volta, era como se tivesse afundado até um século diferente. Peças enferrujadas para prender escadas, estruturas desmoronadas, buracos escavados por picaretas e alavancas feitas de barras de ferro.

Não havia espaço para erros ao se descer sozinho dentro de uma mina. Erik tentava se convencer de que não iria ser difícil, que era apenas um buraco vertical com suportes sujos que de algum jeito aguentaram o peso das rochas por centenas de anos.

Ainda assim, minas muito antigas nunca eram realmente seguras. O que parecia uma pequena rachadura podia ser, na verdade, uma ruptura profunda, e se uma parede cedesse era sinal de que alguma das rochas de uma tonelada suspensas acima poderia de repente se desprender e cair.

Quanto faltava para chegar?

Erik quebrou um bastão de luz e o deixou cair. A luminosidade se perdeu no escuro, mas depois veio o som do impacto na água, bem antes do que ele esperava. O bastão emitia um brilho verde à distância, flutuando na água negra.

O medidor de profundidade em seu pulso indicava que já tinha descido uns setenta metros, e o frio estava piorando. Via o brilho da geada na parede rochosa à sua frente, e o próximo bastão de luz caiu sobre uma massa de gelo.

Foi assim que descobriu uma pequena beirada saliente logo acima da água. Estava uns dez metros à sua direita, por isso precisou se impulsionar pela rocha para conseguir aterrissar.

Agora, a parte mais importante.

Pegou uma pequena garrafa de spray vermelho de um bolso na perna do traje e pintou um E e um H com movimentos rápidos. Embaixo das letras ele escreveu “7 de setembro, 91 metros”, e tirou umas fotos.

Removeu o capuz de neoprene e passou a mão pelos cachos. Tirou mais algumas fotos e examinou os resultados na tela da câmera.

Seus cabelos estavam ficando um pouco ralos agora que ele passava dos trinta, mas não dava para notar. Os círculos escurecidos embaixo dos olhos passavam uma impressão muito mais dramática, pensou.

Voltou a se agachar, sentindo o frio e o fedor. Tentou esquecer que nin-

guém sabia onde ele estava, que ninguém sentiria sua falta caso ele se afogasse ou desaparecesse naqueles túneis distantes, abaixo do solo.

As Dyke Divers deixaram presilhas em que pôde prender sua corda de segurança antes de mergulhar. Uma vez feito isso, colocou as nadadeiras e a máscara, pôs o regulador de oxigênio na boca e fez o primeiro teste de respiração. Mesmo antes de exalar, deu um passo grande para dentro da água. O rolo de corda que segurava na luva de mergulho começou a girar rapidamente, e olhando para cima pôde ver a resistente corda de segurança atravessando diversas camadas de gelo ao seguir seu corpo no mergulho.

Abaixo da superfície, grande parte da luminosidade da lanterna de capacete foi engolida pelas paredes negras. A visibilidade ainda era relativamente boa, e o feixe de luz cobria uma distância maior do que ele tinha esperado.

Erik se apoiou na parede da mina e se lançou no vazio. A corda de segurança o seguiu, atravessando a água como uma cauda.

O chão apareceu na luz que vinha da lanterna presa em seu punho direito. Logo abaixo, viu restos de padiolas usadas para carregar o produto minerado através dos túneis. Erik moveu as nadadeiras com cuidado e flutuou acima de um carrinho de mão. A câmera à prova d'água começou a soltar flashes e tirar fotos do equipamento de ferro abandonado havia muito tempo. Ferramentas de precisão, marretas, talhadeiras, um machado, bombas de pressão e, mais adiante... algo que parecia uma trilha.

Erik deixou o corpo afundar e pousou ao lado de trilhos estreitos. O medidor de profundidade marcava vinte e um metros abaixo da superfície da água. Mesmo com a descida lenta para evitar as paredes, ainda havia bastante ar disponível.

Seguiu nadando acima dos trilhos que levavam para o centro da mina. Teve a sensação de que estava indo para um espaço mais estreito e diminuiu a velocidade. Foi então que viu a abertura com armação de madeira de um túnel, onde um pedaço amarelo de tecido estava preso num gancho.

Erik seguiu mais alguns metros e iluminou o tecido com a lanterna de capacete.

Não era um tecido que pendia na entrada do túnel. Era uma faixa brilhante de sete milímetros de neoprene amarelo. Costuras triplas, feitas para serem visíveis em águas escuras. As garotas devem ter recortado um velho traje de mergulho para assinalar a entrada correta.

O túnel tinha uns dois metros de altura, e um velho vagão enferrujado estava bem no meio da entrada. Acima do vagão havia um pequeno espaço pelo qual parecia ser possível passar.

Talvez fosse o começo de um longo trajeto de túneis — sem um mapa era impossível saber. De acordo com as fotos das Dyke Divers, deveria levar a um lugar seco.

Erik deu um jeito de atravessar o vagão e tentou aumentar a velocidade aos poucos. Com um terço de oxigênio na reserva, ainda contava com um total de quarenta e cinco minutos de tempo de mergulho. Quinze minutos no máximo nessa direção, antes de ser forçado a fazer a volta e retornar à superfície.

Conforme seguia, o túnel começou a fazer uma subida. O clinômetro mostrou um ângulo de onze graus para cima, que continuava aumentando.

Só mais uns cem metros. Depois o túnel deveria chegar a um nível mais alto que a água, seco e cheio de ar. Ou... os túneis, pois tinha acabado de chegar a uma bifurcação. O lado esquerdo parecia navegável. O direito tinha pouco mais de um metro de diâmetro, dilapidado e estreito.

Erik não conseguia enxergar muito longe na passagem escura com a lanterna de capacete, mas a luz era mais que suficiente para mostrar a faixa de neoprene amarela, indicando que as Dyke Divers tomaram o caminho mais difícil. Corpos femininos e esguios, vários deles, podiam ajudar uns aos outros. Ele estava sozinho, e não teria espaço suficiente nem para fazer a volta caso se visse com pressa para sair.

Explorou a névoa de limalha de ferro com a luva e ficou parado, flutuando sem peso. Decidiu seguir para a esquerda, e não demorou para começar a pensar em desistir, pois dava para ver que esse túnel também começava a se estreitar à frente.

Dez metros, vinte, trinta. Quase conseguia tocar nas duas paredes com os dedos se esticasse os braços para os lados. A quarenta metros seus ombros ralavam na pedra. Quarenta e cinco. Dois apoios de ferro compunham uma entrada estreita. Ele ficou de lado e conseguiu forçar seu caminho adiante.

E o túnel continuou se estreitando, mas Erik alcançou mais dois apoios, dessa vez tão próximos um do outro que teria de arrancar um deles se quisesse continuar.

Apontou a lanterna para os pontos fixos de um dos apoios no chão e no teto. Não parecia impossível de arrancar. No apoio da direita, o ponto fixado do chão estava completamente enferrujado. No ponto do teto faltavam dois parafusos... os outros dois pareciam firmes. Segurou o apoio direito e o moveu com cautela. Não houve um movimento significativo. Se fizesse mais força...

Erik parou, flutuando acima dos trilhos estreitos.

Deixou a lanterna vasculhar a escuridão dentro do túnel até onde a luz alcançasse. Voltar atrás agora... empurrou o apoio outra vez, que se soltou da

parede numa pequena avalanche de pedregulhos e rochas. Sua visão ficou obscurecida e ele dobrou o corpo para se proteger, esperando o colapso imediato da rocha. Depois de um instante começou a vasculhar na lama com as luvas. Com movimentos pesados, deu um jeito de se espremer através da abertura.

Depois daquele gargalo, o túnel se alargou novamente. Agora ele teria de se apressar. Talvez o túnel das Dyke Divers e esse convergissem um pouco mais à frente? Já devia ter percorrido uns noventa ou cem metros em poucos minutos. Cento e vinte, cento e trinta. Não devia demorar muito para chegar à superfície, pois a inclinação continuava pronunciada.

Estava tão ocupado e atento às paredes estreitas que não percebeu, até ser quase tarde demais, que estava prestes a dar de cara numa porta de ferro. Era uma porta enferrujada e esburacada, pendurada na parede do túnel por dobradiças tortas. Por um dos buracos pôde ver o ferrolho que mantinha a porta fechada.

Erik deixou a luz atravessar o metal marrom decaído... e o que havia ali adiante? Um depósito de cal?

Nadou um pouco mais.

Não... Não era cal. Linhas brancas de giz. Alguém havia escrito, em letras grandes e trêmulas, uma palavra incompreensível:

NIFLHEIM

Niflheim... Será que era o nome da mina?

Erik encostou os dedos da luva de mergulho na superfície enferrujada da porta e deu um empurrão, com cuidado.

A porta se moveu um pouco.

Empurrou com mais força, e mesmo embaixo da água conseguiu ouvir as dobradiças rangerem.

Parou para dar uma inalada profunda no regulador de oxigênio. Em seguida apoiou as duas luvas de mergulho na porta e empurrou com toda a força.

Rangendo, as dobradiças se soltaram e a porta caiu, gerando uma nuvem de lama que deixou a água marrom.

Seguiu em frente sem ver a escada que subia atrás da porta de ferro, e quando bateu a testa nos degraus mais baixos a máscara de mergulho foi deslocada, e o regulador de oxigênio saiu de sua boca. O frio repentino foi um choque tão forte que o fez engolir água e Erik quase sufocou. Tateou cegamente em busca do regulador reserva, mas não conseguiu encontrá-lo. Com os olhos bem fechados, começou a se debater quando seus pulmões começaram a queimar pela falta de ar.

Ar...

Em desespero, levantou a cabeça e de repente se viu acima da superfície da água outra vez. Fungou, cuspiu, e quando inalou por instinto pela boca e pelo nariz foi envolvido pelo odor nauseante.

Hiperventilou para não desmaiar e vomitou, para em seguida rastejar pelos últimos degraus e desabar. Respire só pela boca, só pela boca...

Quando a respiração acalmou, deitou-se de costas e descansou até ser capaz de sentar.

Erik percebeu que tinha soltado a linha de segurança que indicava o caminho de volta à entrada. Estava sem energia para voltar. De qualquer forma, antes era preciso deixar a lama descer e a água ficar mais limpa.

O cheiro de podridão tornava difícil pensar.

Removeu as nadadeiras e a máscara de mergulho, que a essa altura pendia de seu pescoço. A continuação do túnel estreito e úmido levava a uma escuridão completa. Ficou de pé sobre os sapatos de mergulho de borracha reforçada e começou a andar.

O minério era distribuído de forma regular onde a passagem foi esculpida na rocha. O túnel se dividiu e ele seguiu para a direita. Alcançou outra bifurcação, mas o lado direito estava coberto de pedras. Dessa vez pela esquerda, então, e depois à direita de novo, quando o túnel se dividiu em três. Era um caminho sem saída, então de volta à bifurcação. De que túnel ele tinha vindo mesmo? Perdido, Erik ficou parado em meio àquele cheiro de decadência e morte.

Começou a andar, cada vez mais perdido no labirinto. Não havia mais nenhum sinal de mineração nos túneis, apenas amontoados de estalactites que pendiam do teto baixo. Estava frio, um frio amargo que penetrava até mesmo o traje de mergulho laminado em três camadas.

E se não conseguisse encontrar a saída? Quanto tempo levaria até alguém se perguntar acerca do seu paradeiro? Será que procurariam por ele? Erik Hall socou a parede do túnel com a luva e o feixe de luz oscilou.

Sua mãe falecera havia muito tempo, e por alguma razão ele começou a pensar no que estava deixando para trás na solitária casa de campo. A totalidade de sua fama: três velhos recortes de jornal.

Um dos recortes, de poucos centímetros, dizia que tinha feito onze pontos pelo time de basquete da escola num jogo muito tempo atrás. O segundo era uma foto tirada quando o jornal local foi visitar a Dala Electric, embora ele mal aparecesse na foto. Também havia algo sobre aquela expedição: uma breve citação do conhecido jornal vespertino, numa reportagem sobre a

mina de Falun. Aí seu rosto apareceu inteiro na foto. De repente se lembrou: as Dyke Divers. Erik não podia se esquecer da razão pela qual estava lá.

Fez uma pausa.

Parecia realmente o fim. Olhou para o medidor de profundidade, que mostrava uma profundidade inconcebível de duzentos e doze metros. Quase cinquenta metros a mais que as garotas, sem a ajuda de ninguém.

Pegou a lata de spray com dedos rígidos e gelados e, trêmulo, marcou suas iniciais: E-H, 212 metros. Pensou por um instante e acrescentou: *ad extremum* — no limite.

Tirou algumas fotos com a câmera subaquática e deixou a luz da lanterna percorrer as paredes do túnel. Havia algo ali...

Deu um passo à frente

Outra porta? Seria melhor voltar.

Sim, era outra porta de ferro, do mesmo tipo, com o mesmo ferrolho. O mesmo... giz?

NÁSTRÖNDU

O ar denso encheu seus pulmões. Náströndu?

Deu um empurrão.

A porta cedeu de imediato, ao som das dobradiças rangendo.

Quando conseguiu controlar a respiração, Erik ousou se mover e investigar a sala.

Uma escada descia íngreme, logo depois da porta.

Mais dez minutos.

Preparou o timer do relógio de mergulho e desceu o primeiro degrau.

A escada formava uma espiral estreita, com cada volta o levando para uma profundidade maior. Na abertura final encontrou uma caverna larga, com pelo menos vinte metros de altura.

Havia uma pequena goteira caindo numa poça de água que transbordava. No meio da poça erguia-se uma rocha, e no alto da rocha havia algo parecido com um saco.

O ar estava pesado; fluía como lama, e o cheiro estava ainda pior do que antes.

Só uma volta rápida, algumas fotos.

Tentou se mover em silêncio, mas seus passos sobre o cascalho ecoavam por toda a caverna. Parou para se acalmar e ficou escutando as gotas caírem.

A luz da lanterna percorreu as paredes. Um filão de cobre brilhava à direita, subindo até o teto da caverna.

Erik levou um susto quando viu algo parecido com uma abertura em

arco à sua esquerda. Quando chegou mais perto e passou a luva pela superfície dura da rocha, percebeu que fora enganado pelo jogo das sombras. Jogou a luz para a esquerda outra vez e... havia alguma coisa! As mesmas linhas trêmulas escritas em giz — mas desta vez quem quer que as tivesse escrito tinha ido além de apenas algumas palavras isoladas.

Erik mal conseguia decifrar as linhas trêmulas da escrita. Pegou a câmera. Usou o flash e olhou incrédulo para a tela.

No caminho de volta, pensou que talvez devesse levar um souvenir. Talvez alguma coisa daquele saco em cima da pedra na poça d'água...? Começou a fazer a travessia, com água até a cintura. Quando chegou até o saco, viu que estava coberto por algo que parecia uma rede mofada.

Erik tirou as luvas para averiguar.

A rede era uma bagunça de fios cinza e pretos entrelaçados, molhados e escorregadios. Tentou puxar os fios e percebeu um objeto enroscado no meio. Encontrou uma haste de metal branco lustroso.

Apesar das tentativas, não conseguiu desprender o objeto. Parecia estar amarrado. Acompanhou os fios e encontrou três cordas.

Erik pegou a faca de titânio e cortou a primeira corda, que esfarelou. Esfarelou? Seria tão velha que tinha se petrificado?

Pegou o segundo nó e fez outro corte. Outra corda esfarelada, e o saco inteiro começou a se mover. Apesar do frio, Erik sentiu uma onda de calor febril. Cortou o terceiro nó e soltou a respiração.

Quando a haste se soltou, pensou a princípio que parecia uma chave comprida. E conforme a luz da lanterna percorreu o objeto, percebeu que se tratava de uma espécie de cruz. Tinha uma haste e uma barra transversal, mas acima da barra havia um olho, que brilhava na escuridão e tinha a forma oval de uma forca.

Sem a luva, Erik agarrou a confusão de fios e tentou afastá-los para alcançar o conteúdo do saco. Os fios pareciam costurados, mas ele os agarrou com firmeza e puxou.

Era tarde quando percebeu que tinha usado força demais. Com o puxão, o saco inteiro desabou nos seus braços e ele caiu sob seu peso. Sua cabeça desapareceu embaixo da água gelada da poça. Quando finalmente conseguiu se erguer, um rosto retorcido o encarava sob a luz da lanterna.

Pele branca como papel se esticava ao longo dos olhos mortos de uma mulher, e acima da ponte de seu nariz, na testa, havia um buraco do tamanho de uma moeda.

Em seguida sentiu os três tocos que tinha cortado debaixo da água. Não

eram cordas. Eram os dedos da mão da mulher. Tentou recuar, mas a cabeça o seguiu como se fosse uma boneca de pano. Recuou mais e percebeu que os fios que segurava eram os cabelos do cadáver.

Quando respirou pelo nariz, o cheiro do corpo se destacou no fedor do ambiente. A mulher cheirava a sangue e ferro e paredes de celeiro no calor do verão. Um cheiro que Erik reconheceu imediatamente. Era o cheiro de tinta vermelha de Falun.